

REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO JOGO NO PROCESSO DE ENSINO–APRENDIZAGEM DA LECTO–ESCRITA.

DANIELA HÖEHR ALVES (UFSM).

Resumo

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca da relação entre a teoria e a prática educativa, baseado em experiências com crianças entre sete e treze anos de idade que apresentam dificuldades de aprendizagem. A principal finalidade deste estudo é refletir sobre a utilização do jogo como uma metodologia alternativa no processo de ensino–aprendizagem da lecto–escrita, buscando compreender o seu significado e sua função incorporada na realidade social dos alunos. Como atividades pedagógicas utilizaram–se de construções de histórias coletivas baseadas em filme, músicas e histórias infantis; representações da realidade em forma de desenho; construções de frases; jogos da memória; quebra–cabeças de frases e palavras; bingo dos nomes e das palavras; sorteio de letras e sílabas; entre outros. A abordagem metodológica adota um caráter qualitativo, que utiliza como coleta de dados a observação participante, realizada como base em comparações e análises das atividades desenvolvidas nos projetos de pesquisa: “Estabelecendo uma relação dialética entre os saberes e as práticas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: em busca de um currículo permeado pela qualificação do processo ensino–aprendizagem” e “Informática, dança e educação infantil: inclusão x exclusão”. As considerações teóricas tomam como referência alguns pensadores como: Freire, Piaget, Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Soares, entre outros. Até o momento verificou–se através das atividades realizadas, que as crianças, em um primeiro momento, não compreenderam os métodos de ensino do projeto, mas após um mês de contato com os jogos e brincadeiras acabaram se envolvendo com entusiasmo. A partir das interações das crianças e reações frente ao conhecimento implícito em cada atividade lúdica, percebeu–se a evolução no processo educativo, sanando algumas dúvidas e aprimorando o conhecimento.

Palavras-chave:

Lecto–escrita, Jogo, Ensino–aprendizagem.

Resumo

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca da relação entre a teoria e a prática educativa, baseado em experiências com crianças entre sete e treze anos de idade que apresentam dificuldades de aprendizagem. A principal finalidade deste estudo é refletir sobre a utilização do jogo como uma metodologia alternativa no processo de ensino–aprendizagem da lecto–escrita, buscando compreender o seu significado e sua função incorporada na realidade social dos alunos. Como atividades pedagógicas, utilizaram–se de construções de histórias coletivas baseadas em filme, músicas e histórias infantis; representações da realidade em forma de desenho; construções de frases; jogos da memória; quebra–cabeças de frases e palavras; bingo dos nomes e das palavras; sorteio de letras e sílabas; entre outros. A abordagem metodológica adota um caráter qualitativo, que utiliza como coleta de dados a observação participante, realizada como base em comparações e análises das atividades desenvolvidas nos projetos de pesquisa: “Estabelecendo uma relação dialética entre os saberes e as práticas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: em busca de um currículo permeado pela qualificação do processo ensino–aprendizagem” e “Informática, dança e educação infantil: inclusão x exclusão”. As considerações teóricas tomam como referência alguns pensadores como: Freire, Piaget, Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Soares,

entre outros. Até o momento verificou-se, através das atividades realizadas, que as crianças, em um primeiro momento, não compreenderam os métodos de ensino do projeto, mas após um mês de contato com os jogos e brincadeiras acabaram se envolvendo com entusiasmo. A partir das interações das crianças e reações frente ao conhecimento implícito em cada atividade lúdica, percebeu-se a evolução no processo educativo, sanando algumas dúvidas e aprimorando o conhecimento.

INTRODUÇÃO

As discussões realizadas sobre mudanças na prática educativa são muitas e variadas. Frequentemente observamos várias campanhas de incentivo a formação dos professores e propagandas contendo resultados de ações desenvolvidas nas escolas, mostrando melhorias desde a alfabetização até em assuntos como o da inclusão social.

Porém, na grande maioria das vezes esses temas parecem não fazer parte do cotidiano escolar, pois continuamos a perceber "problemas" que deveriam ser considerados, antes de tudo, como um meio de crescimento para o professor, principalmente, em relação aos problemas de crianças excluídas em função das dificuldades na aprendizagem.

Este trabalho é inspirado em uma experiência de inclusão de crianças com dificuldades de aprendizado, no cotidiano escolar da classe, e busca analisar a questão do ensino-aprendizagem da lecto-escrita de crianças dos anos iniciais. Tentando sempre fazer uma relação dialética entre a teoria e a prática educativa, pois assim torna-se possível perceber as dificuldades e necessidades dos indivíduos envolvidos no projeto, tendo então a possibilidade de transpô-las.

Esta inserção no cotidiano escolar se dá através de um projeto de pesquisa participante, que recebe o nome: *"Estabelecendo uma relação dialética entre os saberes e as práticas nos anos iniciais do Ensino Fundamental: em busca de um currículo permeado pela qualificação do processo ensino-aprendizado"* e também, através do projeto de pesquisa denominado: *"Informática, dança e educação infantil: inclusão x exclusão"*.

Este texto relata um pouco dessas experiências, tendo como referências teóricas alguns pensadores como Freire, Piaget, Ana Teberosky, Emília Ferreiro entre outros. Autores estes, que auxiliam no entendimento de como se dá o aprendizado, principalmente o da lecto-escrita e qual é o papel do professor neste processo. Ainda ajudam a entender qual a importância do aprendizado da lecto-escrita para a aquisição da autonomia das crianças envolvidas no projeto, e conseqüentemente a sua emancipação como indivíduos do saber.

O Conhecimento

Para que seja possível o entendimento de como se dá o aprendizado da lecto-escrita, é necessário que se entenda o que é o conhecimento, e para que esse seja atingido, é preciso entender também o que é a aprendizagem. Segundo Piaget (1990, p.1):

o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado, nem nas estruturas internas do sujeito, porquanto estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características preexistentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças a mediação necessária dessas estruturas, e que estas, ao enquadrá-las, enriquecem-na (quando mais não seja para situá-las no conjunto dos possíveis).

Com isso, Piaget quer dizer que o conhecimento não é inerente ao homem, mas sim que ele deve ser construído na interação deste com o objeto, ou seja, ao entrar em contato com determinado objeto, o sujeito irá tirar dele determinadas informações, o que não quer dizer que o conhecimento já está dado. O conhecimento se dará a partir do momento em que este sujeito utiliza estas informações, organizando-as em seu pensamento e utilizando-as de forma lógica para resolver os problemas que a ele se apresentarem.

Deste modo, através da relação sujeito-objeto, vai dando-se o aprendizado, utilizando-se de informações dantes adquiridas, o indivíduo será capaz de construir o conhecimento durante toda sua vida, pois:

Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável - caracterizado pela conclusão do crescimento dos órgãos -, também a vida mental pode ser concebida como evoluindo na direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior [...] (PIAGET, 1994, p. 11).

Neste contexto, é possível perceber que o aprendizado está em constante construção, e por este motivo deve estar sempre sendo estimulado. Desta forma é possível adentrar na questão do ensino-aprendizado da lecto-escrita, que ao ser percebida as dificuldades de aprendizagem das crianças, torna-se necessário que estas sejam estimuladas, e assim através deste processo de aprendizado descrito acima, seja possível que o conhecimento seja construído.

Alfabetização e Letramento

Antes de iniciar falando sobre o que é lecto-escrita, tema deste trabalho é necessário perceber o que é alfabetização e letramento, pois estas fazem parte do ensino da lecto-escrita e devem ser esclarecidas, destacando suas diferenças e aproximações no ensino.

Alfabetizar segundo Soares (2003, p.15) é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades da leitura e da escrita.

Já letrar pode significar o ato de socializar o indivíduo com o mundo das letras e, também, aperfeiçoar e/ou despertar no educando o interesse pela leitura e escrita.

Acreditando na idéia de Soares (1998, p.45) que:

As pessoas se alfabetizam aprender a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem a competência para a leitura e da escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, [...]

A maioria das pessoas chegam a "classe de alfabetização" já tendo algum conhecimento ou interesse pelas letras e também, pensando as letras como forma de comunicação. A partir disto, percebe-se ser possível alfabetizar letrando os indivíduos, desmistificando com a idéia de que as crianças precisam aprender por repetição, pois assim irão criar interesse pela leitura e escrita não somente decodificar e codificar as letras. Mesmo aquelas crianças que não possuem nenhum conhecimento sobre a leitura e a escrita é possível que o educador traga este conhecimento, se utilizando de métodos de ensino condizentes com as necessidades educativas dos educandos.

No que concerne ao processo da alfabetização, pode-se dizer que esta e a escrita nasceram juntas, pois ao criar um conjunto de símbolos que representavam sons, surge a necessidade de ter pessoas aptas a ensiná-lo, para que a apropriação da escrita possa expandir-se mundo a fora.

No início da alfabetização, é importante que o professor alfabetizador dê a liberdade para que o aluno escreva o conteúdo que quiser e depois se preocupe com e como registrar. É essencial que o educador respeite aquilo que o aluno quer dizer, preservando sua desinibição em atos de escrita.

Desde muitos anos, existem teorias sobre métodos de alfabetização, que vieram evoluindo ao longo do tempo. Uma das maiores contribuições sobre o desenvolvimento da aprendizagem da lecto-escrita, foi o Construtivismo de Piaget, Emília Ferreiro, Ana Teberoski, entre outros, que trouxeram a Psicogênese da escrita, mostrando passo a passo como ocorre o desenvolvimento infantil e o desenvolvimento da alfabetização e letramento.

Há pouco tempo atrás, poucas pessoas conheciam esses métodos e as etapas do desenvolvimento. O letramento, por exemplo, era algo inexistente e que veio para suprir o conceito restrito de alfabetização.

Alguns métodos trabalham só com as letras, outros com a relação som-letra, outros com as sílabas, outros com frases e palavras. Cada um de uma forma. Hoje não existem métodos ou receitas, mas teorias que embasam o trabalho docente.

Para o professor é necessário, por exemplo, o conhecimento da Psicogênese da língua escrita, para que possa ensinar e acompanhar os avanços da escrita dos seus alunos. É válido destacar, que a cada etapa do desenvolvimento humano e, através de estímulos, segundo Piaget (apud GOULART, 2000, p.27-38), as crianças vão avançando do estágio sensorio-motor até o operatório-formal e, ao passarem bem por eles, irão se desenvolver integralmente.

As crianças antes mesmo de entrarem na escola já exploram materiais na tentativa de representarem o mundo através do papel, já a leitura depende muito da cultura que os familiares têm sobre, para daí incentivarem ou não suas crianças.

Ferreiro (apud AZENHA, 1994, p.61-87) constata a existência de cinco níveis de evolução da escrita das crianças, que são eles:

- A hipótese pré-silábica na qual as crianças fazem tentativas através da grafia para representarem o mundo a sua volta, até evoluírem para as garatujas, uma das primeiras possibilidades de escrita. O desenho é uma clara estratégia de remissão ao conteúdo registrado. Exemplo: (cachorro) ;

- A diferenciação da escrita que é a hipótese da quantidade mínima de caracteres que deve compor uma escrita. A ordem das letras deve variar de uma escrita para outra, de forma a garantir a criação de um conjunto que se diferencie do outro. Exemplo: AOBH (boneca) e OHB (joguinho);

- A hipótese silábica que é quando a criança inicia a tentativa de estabelecer relações entre o contexto sonoro da linguagem e o contexto gráfico, escrevendo uma letra para cada sílaba da palavra ou palavra de uma frase. Exemplo: OFT (gigante);

- A hipótese silábico-alfabética que seria a utilização de hipóteses silábica e alfabética da escrita, por serem utilizadas ao mesmo tempo, em um momento de transição. As produções deste nível podem ser caracterizadas com falhas ou omissões no registro de letras. Exemplo: ELFT (Elefante) ou ALEXNAD (Alexandre);

- E a hipótese alfabética, no qual a criança já venceu todos os obstáculos da escrita, mas ainda pode não ter superado todos os problemas, vindo a cometer erros ortográficos ao longo da sua trajetória estudantil Exemplo: DINOSAURO ou JACARE.

Como se pode perceber, a criança passa por muitas fases até chegar à escrita convencional, sendo necessário que haja entendimento destas para que possamos buscar alternativas de aprendizagem.

A aprendizagem da lecto-escrita

Lecto-escrita é o processo de aquisição da leitura e da escrita e

[...] do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1987, p. 18).

O processo de aprendizagem da lecto-escrita se dá a partir do momento em que a pessoa entende o seu significado e compreende suas funções. A criança vai desenvolvendo essas habilidades em interação com o mundo, principalmente, sua interação com os seus colegas, nos quais irão discutir, a sua maneira, as vivências e representações.

Conforme Vygotsky (1989, p.12) os gestos são a escrita no ar, e os sinais escritos são frequentemente simples gestos que foram fixados. Antes de desenharem as crianças representam com gestos as representações do mundo que a cerca, fazendo interpretações, e aí que está o ponto chave da aprendizagem, perceber estas representações e trabalhar -las de forma que a criança evolua no seu aprendizado através de atividades coerentes com a sua realidade.

[...] ensina-se as crianças a desenhar, letrar e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal (VYGOTSKY, 1989, p.119).

A partir de algumas observações em escolas, é possível perceber um ensino muito tradicional, mecânico, no qual as crianças não conseguem demonstrar suas necessidades educativas, acabam apenas repetindo o que os professores dizem que é certo sem ao menos entenderem por qual motivo aprendem certas coisas na escola.

Paulo Freire (1987), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, concebe a educação tradicional, como uma educação "bancária", na qual o saber é depositado, guardado e arquivado no aluno. O autor ainda enfatiza que

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente "encher", tanto melhores educandos serão. Desta maneira a

educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depositário e o educador o depositante (FREIRE, 1987, p. 58).

Acredita-se que a memorização e a recepção de conteúdos são inadequadas para a formação de um sujeito autônomo e crítico.

É necessário que as crianças pensem sobre o que estão escrevendo para fazerem relações com o mundo que as rodeia, facilitando novas aprendizagens que as levarão ao avanço no conhecimento. As concepções de leitura e escrita devem sempre fazer parte do cotidiano das crianças, para que elas não sejam somente reprodutoras mecânicas do que lhes é ensinado, mas que sejam também letradas, se envolvendo com as necessidades e os reais motivos de se alfabetizarem.

Atualmente, nas escolas, os educadores da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental são muito cobrados com relação à alfabetização dos seus alunos, não importando a fase do desenvolvimento destes. Os educandos recém egressos no sistema educacional estão sendo muito cobrados, não podendo aproveitar dessa fase imprescindível para o desenvolvimento humano, que é a infância.

Desde que entram na sala de aula, as crianças sentam em volta de mesas, não podem conversar umas com as outras, têm momentos para tudo e até quando podem brincar têm o tempo reduzido.

Nessa faixa etária, em que as crianças estão entrando na escola deveria ser aproveitada de maneira muito mais ampla, do que a realidade em que vivenciamos. O brincar, como foi citado anteriormente, auxilia totalmente na aprendizagem das crianças, pois há a interação uma com as outras, nas quais utilizam dos brinquedos para representarem suas vivências de faz-de-conta, imaginando, aprendendo regras, nas quais as próprias crianças desenvolvem ao longo da brincadeira, aprimorando a criatividade, enfim, uma série de habilidades e competências que podem surgir através de uma metodologia de ensino lúdico.

Através da interação entre as crianças e adultos ocorre o que Vygotsky (1994, p.112) chamou de Zona do Desenvolvimento Proximal, que é

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (crianças mais velhas).

O autor se refere, logo acima, ao aprendizado que as pessoas podem ter estando em contato umas com as outras, aprimorando o que já sabem e aumentando seus conhecimentos, passando do nível real de aprendizado, na qual estão no momento, para o nível potencial, que é aonde poderão chegar através dessa troca de conhecimentos.

Cabe ao professor perceber qual o sentido da infância e o que está faltando para que este seja posto em prática.

O lúdico é um dos caminhos mais agradáveis de se chegar em uma criança, basta o professor ter um planejamento claro e seguro quanto a sua abordagem. A preocupação existente nas escolas, quanto a alfabetização pode ser desenvolvida plenamente com auxílio de jogos e brincadeiras, pois vem de encontro com as necessidades da infância e não sai fora da lista de conteúdos exigidos aos professores.

Da dificuldade à autonomia

No momento em que se trabalha a transposição das dificuldades de aprendizado das crianças, busca-se também que outro fator de extrema importância para a vida destas crianças seja atingido, que é o alcance da autonomia das mesmas como indivíduos do conhecimento. Sendo que o aprendizado da lecto-escrita é um dos principais impulsionadores para esta aquisição.

A criança no momento em que aprende a ler e a escrever começa a sentir-se mais segura de si, mais estimulada a adquirir novos aprendizados. Sobre esta questão da autonomia, Freire (1996, p. 94-101) nos fala a respeito do professor, este que deve sempre respeitar a curiosidade do aluno, lembrando da existência de alguns professores autoritários que acabam sufocando a liberdade do aluno.

Também sobre o bloqueio da autonomia das crianças, Piaget (1994, p.60) destaca que as regras ensinadas às crianças são impostas pelos adultos e normalmente não foram construídas de acordo com as necessidades das delas, ou seja, as regras devem ser construídas junto com as crianças, para que assim elas se sintam participantes ativos desta construção, e não meros executores de regras, pois a própria construção destas regras irá fazer parte da autonomia das crianças.

Para a construção de leis morais Piaget propõe que se trabalhe com as crianças jogos, onde eles próprios tenham que estabelecer as leis, pois segundo o autor:

A heteronomia sucede a autonomia: a regra do jogo se apresenta não mais como uma lei exterior, sagrada, enquanto imposta pelos adultos, mas como o resultado de uma livre decisão, e como digna de respeito na medida em que é simultaneamente consentida. (PIAGET, 1994, p. 60).

Com isso percebemos a importância também das atividades em grupo, que além de utilizarem estas regras por eles construídas, fazem com que as crianças interajam entre elas, o que é muito importante para a construção do aprendizado.

Piaget (apud Goulart; 2000; p.146) classifica o jogo como: os de exercício, os jogos simbólicos e os jogos de regras.

Os jogos de exercício se caracterizam pela repetição de uma ação pelo prazer que ele proporciona. O jogo simbólico envolve o faz-de-conta, a representação que ocorre quando os alunos brincam de pirata, de escolinha, de casinha e outros. Também acontece quando as crianças manipulam objetos atribuindo a eles significados diferentes do habitual, como tratar um cabo de vassoura como um cavalo.

Os jogos de regras, em especial, também trabalham a função cognitiva das crianças, mas eles possuem uma função ética, porque mesmo que o jogador elabore ótimas estratégias para vencer uma partida, ele precisa observar regras, limites ou a vez do outro jogar e esta reflexão sobre o certo e o errado, o que pode e o que não pode ao jogar, traz uma consciência ética ao sujeito, sem falar na aprendizagem que se processa automaticamente do conteúdo proposto através da atividade.

Segundo Piaget (apud Goulart, 2000; p.146), jogando, a criança desenvolve três pilares fundamentais que lhe garantirão um crescimento sadio: o psíquico, o motor e o cognitivo.

Prática Educativa

Para a realização do projeto "Estabelecendo uma relação dialética entre os saberes e as práticas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: em busca de um currículo permeado pela qualificação do processo ensino-aprendizagem" , uma equipe de pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, se insere em uma Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental, do município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, em horário contrário ao das aulas dos alunos, ou seja, no turno da manhã, para assim fazerem atividades extra-classe com estas crianças.

Participam do projeto, crianças com idade entre sete e treze anos, que se encontram entre a primeira e a quarta série. Para participar do projeto, as crianças são encaminhadas pelos professores da escola, por apresentarem déficits de aprendizagem, principalmente da lecto-escrita.

As atividades se realizam três vezes por semana, onde através de atividades lúdicas tenta-se fazer com que o aluno aprenda aquilo que antes não lhe foi possível. Pois se sabe que um espaço pedagógico lúdico faz com que as crianças sintam prazer em aprender, e assim se interessem em buscar saber mais.

Para que o ensino-aprendizagem da lecto-escrita se efetive, é necessário que o professor e os alunos estejam conscientes de qual é o papel do professor nesta ação de construção de saberes. Assim como nos diz Freire em sua perspectiva progressista, que: ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p.47).

É deste modo, que se busca, dentro do projeto, através de atividades lúdicas que despertem a curiosidade e o prazer em aprender fazer com que as crianças transponham suas dificuldades. Para tal, são utilizadas atividades que envolvam as crianças, que façam com que elas se sintam atores neste processo de construção do conhecimento, cujos objetivos vão muito além da aprendizagem da leitura e escrita, sendo assim, ocorre uma aprendizagem dentro do contexto da lecto-escrita com fins práticos.

Algumas considerações

O estudo mostra que atividades didáticas lúdicas pedagógicas são ferramentas necessárias na busca pela extinção da exclusão social, sendo a prática pedagógica a interconexão e o resgate do cidadão, no qual o homem passe a ser descobridor, transformador e produtor do conhecimento. Na verdade não somente dificuldades de aprendizagem, mas dificuldades no ensino e nas concepções teórico-práticas dos professores atuantes nas escolas.

Com este trabalho é possível destacar a importância de serem analisadas as práticas pedagógicas, para que assim, se possa buscar alternativas que transponham as suas deficiências.

É importante também ressaltar a necessidade de conhecer a realidade dos alunos com quem estamos interagindo, pois cada criança possui suas particularidades e não é certo que estas sejam esquecidas no momento em que se trabalha o ensino da lecto-escrita, a localização espaço/temporal e o conhecimento lógico-matemático, pois sabe-se que cada uma possui seu tempo de aprendizado e isto deve sempre influir na forma do professor trabalhar a alfabetização.

A partir deste estudo, pensamos que o jogo seja um grande objeto de auxílio no ensino, pois durante as atividades lúdicas a criança ordena o pensamento, desenvolve a criatividade, a auto-estima e também aperfeiçoa a capacidade de resolver problemas. Brincando a criança nem percebe a amplitude da aprendizagem que está ocorrendo.

O Lúdico faz parte do cotidiano das crianças. Ele é por excelência, integrador e um dos meios mais propícios à construção do conhecimento. Para exercê-lo a criança utiliza o seu equipamento sensorio-motor, e enquanto é desafiada a desenvolver habilidades operatórias que envolvam a identificação, comparação, análise, síntese e generalização, ela vai conhecendo suas possibilidades e desenvolvendo cada vez a autonomia dentro do conhecimento.

Quando pensamos a lecto-escrita nos contextos escolares e da sociedade, devemos falar de uma pluralidade de usos da língua, sendo necessário um ensino que as contemple, saindo do ensino tradicional e partindo para a realidade do aluno, efetuando desta forma a aprendizagem como um processo natural.

REFERÊNCIAS

AZENHA, M^a da Graça. **Construtivismo: De Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 1994.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam.. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOULART, Íris Barbosa. **Piaget: Experiências básicas para a utilização pelo professor**. 17. Ed. RJ: Vozes, 2000.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. Trad. Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Epistemologia Genética**. SP: Editora Martins Fontes, 1990.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **"Alfabetização e Letramento"**. São Paulo, SP: Contexto, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989 - 1994.

